

***Carlos Reis (org.), José Saramago: nascido para isto.  
Lisboa, Fundação José Saramago, 2020 (254 pp.)***

**Sara Grünhagen**

SORBONNE NOUVELLE (CREPAL)/  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA (CLP)

Em tempos de celebração dos 25 anos do Prêmio Nobel de Literatura atribuído a José Saramago, convém lembrar que as efemérides têm sido um significativo ponto de partida não apenas para festejar a obra e aumentar a projeção de determinados escritores, mas também, e é disto que se trata aqui, para consolidar um campo de estudos em torno do seu legado. Se é certo que a mais ambicionada distinção do mundo literário ensejou homenagens a Saramago e análises da sua obra – é prova disso a impressionante quantidade de publicações que se seguiram ao anúncio da Academia Sueca de 8 de outubro de 1998 –, ao mesmo tempo não há dúvidas de que, nas palavras de Carlos Reis, tal prêmio “não é condição suficiente para que um escritor e uma literatura ganhem dimensão de fenómeno durável e apreciável, do ponto de vista da crítica e da história literária” (18).

O livro organizado por Carlos Reis, *José Saramago: nascido para isto*, inscreve no seu título este que foi, de fato, um acontecimento literário, o advento e o devido reconhecimento de um escritor com uma trajetória singular, escrevendo numa língua que, já há muito o sabemos, é “esplendor e sepultura”, mas que pôde chegar mais longe do que o habitual graças a narrativas e personagens que continuam a interpelar leitores do mundo todo. Por isso e por tantas outras razões, ainda segundo a nota de abertura de Carlos Reis, Saramago foi “um admirável embaixador da literatura e da língua portuguesas” (18).

Os textos reunidos neste volume provêm das intervenções feitas em conferências e mesas plenárias no “Congresso internacional José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel”, que teve lugar a 8, 9 e 10 de outubro de 2018.

Promovido pelo Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra e pela Câmara Municipal de Coimbra, tratou-se do maior evento acadêmico até então realizado em torno da obra do escritor português. Essa iniciativa do também comissário para as recentes celebrações do centenário do nascimento de José Saramago permitiu congregar especialistas, promover leituras, contribuir para a formação de estudantes e professores e, como é desejável em reuniões científicas dessa natureza, assentar as bases para outros estudos e publicações.

Associada a um livro eletrônico com cerca de cinco dezenas de artigos que resultaram das comunicações do mesmo congresso (Reis 2020), tal obra, oferecendo um vislumbre do estado da arte dos estudos saramaguianos, atesta o quanto, de fato, é de “arte” que se trata. Vemo-nos, portanto, diante de um campo de estudos que já desfruta da sua própria tradição acadêmica, no melhor sentido do termo, com linhas de pesquisa bem desenvolvidas, não raro associadas às correntes teóricas das últimas décadas, com análises sobre os diferentes tipos de recepção do escritor e com novas propostas de reflexão, em diálogo com as problemáticas contemporâneas e afirmando a atualidade da obra de Saramago.

Às duas notas de abertura, por Pilar del Río e Carlos Reis, seguem-se doze textos de natureza diversa, que refletem a variedade de temas e abordagens que marca a recepção do escritor português e que, ao mesmo tempo, estabelecem um fecundo diálogo entre si. Para recuperar o texto de Pilar del Río, os leitores não só têm o seu lugar na biblioteca como a compõem (13), e parte dessa biblioteca é materializada neste volume de leituras atentas e trabalhadas.

O primeiro ensaio, “Ricardo Reis: o mesmo e o outro”, centra-se naquele que é um dos romances mais intertextuais e mais impactantes de José Saramago. Ana Paula Arnaut trata do complexo jogo de composição da personagem e de revisitação problematizadora da figura heteronímica pessoana a que nos convida o autor. Como categoria central da narrativa, a personagem tem sido um ponto-chave no estudo da obra de Saramago, que, associando-se aos autores da sua biblioteca, assume a função literária de “aumentar o mundo” com as suas criações multiplicadas (23, 26).

Na esteira de um importante trabalho de reflexão teórico-narratológica que vem desenvolvendo há vários anos, é também a partir dessa figura da ficção que Carlos Reis constrói a sua análise em “José Saramago e a personagem como alegoria”. Convocando uma série de narrativas e buscando pensar os diferentes tipos de personagem nelas desenhadas – personagens históricas, mítico-bíblicas, nativas, animais e personagens alegóricas –, Reis propõe-se ainda a “ilustrar o trajeto de depuração saramaguiana de processos literários e estilísticos, rumo à alegoria”, nesse processo demonstrando o modo como os romances de Saramago são atravessados por reflexões sobre a sua própria elaboração, construindo, de certa forma, “uma teoria da linguagem, da literatura e do relato” (69, 64).

Outras duas personagens, provindas deste universo literário bem povoado e representativo, formam a base de um terceiro estudo, “El nervio de su mejor fuerza: una lectura de João Mau-Tempo y Cipriano Algor en clave comparativa”, por Miguel Alberto Koleff. Dois romances compostos em um intervalo de vinte anos são colocados lado a lado de maneira a reforçar algumas das problemáticas que atravessam a obra de Saramago e que ressaltam na biografia dessas figuras da ficção, definidas pelo trabalho (“el trabajo no es un elemento más de sus biografías, sino el aspecto nuclear de su definición como personajes”, 188), pelas injustiças do sistema que condiciona a sua existência, mas também pelo modo como a ele reagem.

Como um marco no conjunto da obra de Saramago e como um texto que joga luz sobre outras das suas criações, *Levantado do chão* é ainda analisado, em comparação com *Manual de pintura e caligrafia*, no ensaio de Roberto Vecchi, “Disjecta membra do século breve: memórias em risco e a história a contrapelo em dois romances de José Saramago”. Vecchi parte do “final comum” dessas “narrativas contíguas mas muito diferentes” para pensar, por exemplo, alguns dos sentidos do acontecimento revolucionário que constitui o clímax e o desfecho desses dois romances “políticos” (201, 208).

David Frier trata igualmente da obra de 1980 que, pela sua densidade e importância histórica, está entre as favoritas da crítica saramaguiana. Tal trabalho desenvolve-se a partir de outra linha de pesquisa que tem ganhado força nos últimos anos, aquela interessada na oficina de Saramago, atenta aos bastidores da criação literária e dedicando-se ao estudo da sua biblioteca e dos seus materiais preparatórios. Em “De crónicas familiares à construção de um romance: da génese de *Levantado do chão*”, Frier faz um cotejo dessa obra com o livro de memórias de João Domingos Serra, *Uma família do Alentejo*, um texto que marcou tanto a composição daquele romance específico de Saramago como o estilo que se tornou “marca distintiva da [sua] escrita ficcional” (85).

Já em outro plano, vemos que alguns dos temas que marcaram a recepção mais ampla de Saramago, muito além do contexto universitário e com a sua sabida história de polémicas, são reavaliados em três textos deste volume. Recorde-se que o diálogo que o escritor português estabeleceu com escritos de natureza religiosa foi dos que mais provocou debates que, não raro, pouco ou nada tiveram que ver com literatura, com destaque para a avalanche de reações ferozes que surgiram na esteira da publicação de *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991). É interessante notar o contraste entre muitas daquelas reações mais imediatas a essa obra, assim como a *Caim* (2009), que com frequência recorreram a argumentos *ad hominem* para reafirmar dogmas conhecidos, e as reflexões mais aprofundadas, produzidas sobretudo na universidade, que vieram depois, valorizando aquilo que a ênfase apenas no que é considerado polémico impede de ver.

Nesse sentido, destaca-se o breve texto evocativo de Anselmo Borges, “Sobre Saramago e Deus”, que retoma, com respeito e distanciamento crítico, o debate sobre o diálogo inter-religioso do escritor português e algumas das visões deste sobre o cristianismo, expressas em narrativas ficcionais, mas também em entrevistas e paratextos. Aquela mesma figura-chave da cultura cristã e, por extensão, da cultura ocidental é analisada por outra via no estudo de Gerson Luiz Roani, “Deus como mito literário na escritura de José Saramago”. O pesquisador, que, como outros do volume, foi um dos pioneiros nos estudos saramaguianos, analisa com rigor o modo como essa herança é recuperada em mais de uma obra e destaca algumas das estratégias narrativas que buscam mesmo superá-la. Assim, “em contraposição ao patriarcalismo, que anda de mãos dadas com o obscurantismo religioso, Saramago ilumina o feminino, pela constatação de que, em suas ficções, a mulher será uma das principais fontes de indagações e de transgressão do divino” (137-138).

Um segundo tema importante para a recepção de Saramago, ainda que os debates a ele relacionado estiveram um tanto mais circunscritos à península ibérica, é abordado por Antonio Sáez Delgado em “José Saramago, transiberista”. Nesse caso, as reações aos posicionamentos de Saramago foram, com frequência, opostas àquelas que predominaram no auge das polêmicas religiosas: não se veem tanto respostas combativas, mas mais uma atitude amenizadora e conciliadora que situa “pacificamente” a discussão proposta por Saramago “dentro do denominado ‘iberismo cultural’” (50). Num contexto em que tal discussão e, mais especificamente, o romance que a encarna têm sido alvos de um interesse renovado nos últimos anos, como eixo central de eventos e publicações, Sáez Delgado traz um precioso contributo ao demonstrar que o iberismo de Saramago também tem “uma forte componente política” e por isso mesmo, como outras das suas visões, “desassossegador [...] para as elites do poder” (57, 59).

Outro tipo de recepção – que, em alguns casos, teve um papel significativo na projeção do escritor muito além do mundo lusófono – é destacada em três textos que tratam da transposição das obras de Saramago para o teatro, o cinema e a ópera. Em “Notas sobre as adaptações dramáticas de *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago”, Filomena Oliveira e Miguel Real relatam o seu processo de recriação de dois romances-chave de Saramago, explorando as potencialidades do texto e do palco. Por sua vez, o ensaio de Jorge Urrutia, “Intermedialidad y transformación en el cine sobre Saramago”, aprofunda o debate sobre as relações interartes e ressalta em especial a importância de se pensar o *media* na análise de uma adaptação, debruçando-se sobre o caso de *O homem duplicado* e *Enemy*.

Tratando da transposição de *Memorial do convento* para um libreto de ópera, a análise de Mário Vieira de Carvalho, “*Blimunda* de Azio Corghi/José Saramago

encenada por Jérôme Savary (1990)”, lança luz sobre aquela primeira representação histórica de uma ópera de matriz portuguesa no Scala de Milão, sendo ao mesmo tempo uma referência pertinente para pensar outras produções que se lhe seguiram, nomeadamente aquela encenada por Nuno Carinhas em novembro de 2022, no âmbito das comemorações do centenário de Saramago. A pergunta com que tal texto se fecha – “Para quando uma versão em língua portuguesa?” (180) – permanece um desafio em aberto tanto para o universo já considerável de adaptações saramaguianas quanto para a tradição lírica portuguesa e o meio cultural de maneira geral. Se, conforme a já citada reflexão de Jorge Urrutia, é preciso atentar para as especificidades dos *media* na discussão sobre a adaptação, convém, como faz Mário Vieira de Carvalho, incluir a questão da língua nesse debate complexo: num contexto de produções mais dispendiosas, Saramago, afinal, foi sobretudo cantado em italiano e alemão e filmado em inglês.

Por fim, retomando e aprofundando uma das linhas de pesquisa em que foi pioneira, Teresa Cristina Cerdeira fecha o volume com um ensaio que trata da vertigem da História que atravessa a ficção de Saramago. Em “Primo Levi e José Saramago: o livro eterno e o quadro infinito”, Cerdeira demonstra que a reflexão histórica concerne inclusive aqueles romances considerados como pertencentes a uma outra fase de escrita. Partindo de mais uma obra particularmente destacada na recepção de Saramago, Cerdeira busca “*historicizar* e não apenas *alegorizar* a leitura de *Ensaio sobre a cegueira*”, cotejando esse “texto inscrito na história”, “a memória inventada de José Saramago”, com “a memória vivida de Primo Levi” (222, 224).

*José Saramago: nascido para isto* e os textos que o compõem celebram, portanto, a vida e a obra de um escritor extraordinário, cuja história foi marcada por um prêmio sentido como uma conquista para a Língua e a Literatura Portuguesas de maneira geral. Se essa celebração e se toda a festa que ela enseja continuam sendo importantes e têm uma função divulgadora imediata, em especial na formação de leitores, também é certo que a permanência a longo prazo de uma obra no patrimônio cultural deve muito ao esforço de quem com ele trabalha e sobre ele escreve de maneira consciente, engajada e crítica, e nisso está, enfim, um dos grandes méritos deste volume de estudos.

### Bibliografia

Reis, Carlos (org.). 2020. *José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.  
<http://monographs.uc.pt/iuc/catalog/book/57>